

DOUS IRMÃOS

notas para uma comédia

Livros Grátis

<http://www.livrosgratis.com.br>

Milhares de livros grátis para download.

PERSONAGENS

António, *bacharel em Direito; advogado.*

José

Manuel

Frederico

Pulquéria

Rumânica

Lev'arriba

Roscália, *caixeiro deste.*

Leva-Remos

Quadrado, *amigo daquele.*

Cangueiros

Carroceiro

Mulheres, homens, uma visita e as figuras do 5º Quadro.

ATO PRIMEIRO

Cena Primeira

- ANTÓNIO *(para José)* — Conheces Pedro, o Marinho?
- JOSÉ — Não; quem é? Onde mora? é cousa que se coma, que se beba, que se vista?! ou que se durma; se passeie; ou se dance!?
- (A cada palavra — coma, beba, etc. — jaz todo sinal com a boca, lábios, etc.)*
- ANTÓNIO — Não; não é nada disso; é apenas um irmão de sangue que possuo; *(aperta duas vezes os braços, movendo com os dedos)* possui e havia ainda de possuir, se eu quisesse ir. . . não! se ele quisesse vir!
- JOSÉ — Mas. . . dizes tanto. . . tantas cousas, que eu não sei o que deva responder! Perguntaste-me se eu conheço Pedro, o Marinho; — e depois. . . não sei o que te responda! És, fui, sou e seria!
- ANTÓNIO *(à parte)* — A resposta está conforme a pergunta. *(Para José):* Mas diga-me *(agarrando-lhe no nariz)* — Conhece ou não conhece? *(dá-lhe outro puxão que sacode-lhe a cabeça)* diz ou não diz!?
- JOSÉ *(dando um pulo para trás)* — Homem dos diabos! deixa-me! Deixa-me! Já me puxaste o nariz! Vai puxar o queixo da tua Avó torta!... *(António puxa-lhe o queixo.)*
- ANTÓNIO *(à parte)* — Estava fazendo um benefício para ele *(apontando)* — aumentando-lhe o nariz; e sua mercê não quis: não quer! pois há de ficar sem nariz! *(Com raiva.)*

- MANUEL *(pé ante pé, batendo nas palmas e entrando. Já se sabe — a figura mais esquisita que se Pode fantasiar)* — Dá licença, Sr. Dr.? Hem? Hem? dá? Eu quero entrar. Pois já sabe que sou todo seu! que o quero, que o desejo, que o amo! Venha, ah! não; ele não pode vir; eu é que vou! *(Aproxima-se.)*
- ANTÓNIO *(virando-de de repente e com uma mão no ouvido)* — Vozes! quem são? Serão. . . é. . . ah! é o meu célebre, senão celebérrimo amigo Rubicundo!
- MAN. Não; não sou esse! Sou o seu velho, antigo, antiquíssimo amigo *(batendo-lhe nas costas)* Manuel das choradadas! Sou, sou; não ouve?
- ANTÓNIO *(virando-se muito devagar e estendendo-lhe a mão por cima do pescoço)* — Ah! *(arrastando os pés, a cabeça levantada como cego, a boca muito aberta)* Ah! és tu! *(apalpando)* ah! ainda sou feliz? Ainda achei o meu amigo Manuel? Não me falta nada! De onde vieste? Não viste por lá o meu irmão José? Hem? estava. . . ora, ora, ora! estava aonde?! *(Pondo-lhe a mão nos peitos.)*
- MANUEL Eu não o conheço; não sei; o Sr. inda tinha esse irmão?
- ANTÓNIO Ó diabo! pois tu não te lembras do meu irmão, com quem brincavas, jogavas, comias e dormias!? Então. . . ou tu pensas que eu me honro mais que o que sou, por dizer que tenho esse irmão!? *(Puxa-lhe um braço.)*
- MANUEL Não é isso o que eu digo; é que ele parece se ter esquecido de ti! Ah! foi sonho, visão, ou não sei que ilusão — que me fez crer que ele não pensava em ti se não. . . não: que não escrevia a ti, senão de séculos em séculos!
- FREDERICO *(entrando e descansando o chapéu sobre uma mesa)* — Venho hoje mais cedo que o diabo! Andei, fui a toda parte; estou banhado em lágrimas de suor. . . ou em suor de lágrimas — que vem a ser tudo o mesmo! *(Caminhando.)* Tenho procurado, buscado, encontrado,

e nada achado! (*Pegando e atirando com o chapéu.*) Isto é o diabo! e mais que o diabo! É o demônio, não é chapéu. . . Perguntei a este demônio o que havia de fazer (*apontando para o chapéu que se acha no chão*). Disse-me que ser¹ Ministro, que não recebesse nada e que antes desse! que perdesse casa! que perdesse tudo! E eu respondi-lhe que não fosse louco! que para se exercerem cargos públicos não é necessário tudo perder-se! E fui andando em busca do que de direito me pertence! Em certo lugar (*pega o chapéu e põe na cabeça*) perguntei à sobrecasaca (*olhando-se*) ou casaca que também não sei bem o que é, se sabia quantas promessas se me haviam feito impondo-me condições, e a quantas me haviam faltado! (*Com ar gracioso*): Que havia de responder?! que fosse ao Tambicu! Perguntei-lhe: E quem é esse Tambicu?! Ficou em silêncio tão profundo como são as águas dos mares no fundo! Espantei-me: mas também calei-me. A calça, que me viu mudo — que há-de fazer? Belisca-me! Sinto a dor, e com ela ouço a voz: Não quer-me ouvir! Há-de arrepender-se; ouve ou não ouve!? É surdo! Está bem: há-de arrepender-se; deixe estar! Não: é melhor ouvir e atender, se quiser ter. Ó calça! (*puxando esta*) Que vêm fazer a teu discurso as palavras deixe estar?

- ANTO. — Sempre andas, rapaz, todo incomodado! Nada te apraz. Nada te satisfaz.
- MANU. (*para Antônio*) — Ah! Sr. Dr., este menino é seu filho?
- ANTO. — Não é meu filho; mas é mais que filho. Amo-o tanto!
- FRED. (*para Manuel*) — E o Sr. que se importa (*com maneiras mui grosseiras*) que se importa — se eu sou filho, pai ou médico, aqui do meu Avô!? Pertence-lhe a minha vida? o Sr. é casado comigo?
- MAN. — Este teu filho é o diabo!

- FRED. *(para o pai)* — Pois meu Pai, eu não hei-de me incomodar quando vejo tanto despropósito; tantas loucuras; tantas parvoíces hoje, amanhã tanta asneira, tanta tolice!?
- ANT. — Rapaz, tu hoje estás diametralmente transtornado! Estou te desconhecendo.
- FRED. — Bem; V. Sa. é formado em direito pátrio e estrangeiro, canônico e não sei que mais. Diga-me: Um amigo meu alugou para a ocupação de objetos pertencentes à Fazenda nacional uma de suas propriedades; houve preço marcado; houveram¹ ordens para pagar-se; vieram documentos que o comprovaram; entretanto, aparecem todos os dias novos embaraços e há quasi um ano ele não pode haver tais quantias. Ora novas e contrárias informações; depois, questões de preço; mais tarde questões de atestados; amanhã, — de direito de propriedade; em outro dia — de desconto de dívidas, como se a Tesouraria fosse juiz competente para conhecer estas questões comerciais; ou caixeiro deste ou daquele intitulado credor, — para fazer descontos, aceita embargos ou cousa semelhante; quer seja, quer não, verdade o que alega, visto ser ouvida a parte contrária, ou de quem se diz credor, é macarangana² que ninguém se entende! hoje temos um despacho, amanhã não passou de ilusão! depois. . .
- ANT. — Estás com tão grande aranzel, que não sei onde vais parar! Espera, tolo, — e verás que serás feliz. Tu não queres esperar, és um apressado. . . és um teimoso.
- FRED. — Pois meu pai não sabe que já certo indivíduo quis instituir-se à força Procurador de outros?
- ANT. — Fala, fala, rapaz.
- FRED. — Esqueci-me do melhor que lhe queria dizer — e é que. . . mas. . . *(abanando com a mão por cima da cabeça)* parecendo-me. . . Sim. Não há quem não saiba que ele não procura receber quantias pertencentes a pessoa alguma, quer

negociantes, quer empregados públicos, que não se envolve em negócios de pessoa alguma, — entretanto, milhares de Procuradores procuram aquelas a que ele tem incontestável direito! e por consequência o fazem para si!

- ANT. — Rapaz, não te aflijas; bem sei que ainda há poucos dias mentiram-te, mas a verdade há-de brilhar, e em tempo, — espera mais três dias.
- FRED. — Suponha o meu pai que certo indivíduo que tem de passar um documento — morreu, ou viajou, mas que há todas as participações necessárias na repartição competente para pagar e fazer a descarga; pode alguém estorvar ou opor quaisquer obstáculos? Certamente que não. *(Caminhando e ciando com as mãos.)* Pois é o que tem acontecido para com o meu amigo.
- ANT. — Sei, eu sei de tudo isso. É uma linda comédia! É. . . *(de repente.)* quem o mandou ser Advogado! Quem o mandou ser Médico! Quem o mandou ser filósofo! Para que fez-se político, frade, botânico e não sei que mais?
- FRED. *(tomando posição bem séria)* — Respondo — Deus ou uma de suas Partes. . . não. Deus ou a Natureza! Nos espíritos de todos os entes animados foram. . . estes eram Eu (ou seus corpos foram em geral por mim animados! Os inanimados parece haverem de mim recebido certa animação! Assim me fez Deus — ou a Natureza.
- ANT. — Então, foste um tolo!
- FRED. Não, meu pai, fui, sou e serei — o que Esse mesmo Deus ou essa mesma Natureza quis, quer e quiser que eu seja.
- MAN. *(à parte, rindo-se)* — E que tal o Sr. Frederico! Falou agora que ninguém pode com ele! nem o próprio Sr. doutor pai dele pode responder-lhe. Está embatucado! *(Abanando ligeiramente a cabeça para diante, com um chapéu muito alto, mais largo em cima do que embaixo.)* Sim Sinhô; sim. . . Sinhô; é assim

mesmo sim sinhô; tem razão; é como o Sinhô Frederico diz! Agora hão de ver... e eu já vou. . . (*Mete a mão por entre as calças, colete, casaca, e não acha o que procura; fica muito sentido.*) Perdi, perdi tudo! tudo! (*E põe-se a chorar como uma criança.*)

QUADRO SEGUNDO

Cena Primeira

- LEVA-REMOS (*entrando em uma sala com aparência ou similhaça de loja; para o caixeiro*) — O Sr. tem roupa feita?
- ROSCÁLIA (*caixeiro*) — Sim, Sr. (*Sobe uma escada e apresenta no balcão algumas caixas, abrindo-as.*) — Eis aqui da melhor que há.
- LEVA-REMOS (*tirando, vestindo, despindo, mirando-se num espelho; para o caixeiro*) — Uma está larga, outra comprida, esta curta, aquela apertada. . . finalmente: — aual é o menor preço por que vende cada uma?
- ROSC. O Sr. é bem falto de conhecimento. É bem impertinente! Pois não vê que esta calça (*pegando-a*) lhe está boa?! Que melhor quer? O colete, não há alfaiate que lhe possa fazer igual. Agora que mais quer? Leve este casaco (*pegando em uma peça da obra, que não era casaco, mas camisa*) isto está-lhe bom! Muito bom! Ande, e não paga nada!
- LEVA-REMOS (*à parte*) — Que generosidade de amigo. Amanhã (*apontando com o dedo polegar*) mandar-me-á a conta a casa; e se eu não lha pagar, no dia seguinte o meirinho! Pensa que ainda não o conheço! Para cá vem bem, de carro: sege ou carrinho!
- ROSC. Então não quer? Não servem?
- LEVA-REMOS Está tudo muito bom! Vou mudar. (*Despe-se e muda.*) Pronto! fica essa que já está algum tanto enxovalhada, e eu vou com esta (*voltando-se todo*). O meu chapéu (*procura e não acha*)! Hei-de ir agora sem. . . com a calva (*muito desconsolado*) à mostra!? (*passeando*)

e virando-se para o caixeiro, de repente): O Sr. não tem chapéus?

- ROSC. — Tenho; tenho. Já o sirvo; é num pulo. (*Salta à escada e atira com três ou quatro caixas embaixo.*) Eis aqui um; este há-de servir-lhe. (*Tudo muito apressadamente.*) Olhe, pegue, veja; é dos mais finos que se fabricam em Antuérpia, que são os de mais fama. (*O indivíduo pega num para experimentar e o caixeiro dá um salto e encaixa-lhe na cabeça.*)
- LEVA-REMOS — Com efeito, este é grande demais (*atira-o na prateleira*). Vejamos outro. (*Pega em outro.*) Oh! este talvez me sirva.
- ROSC. (*tirando-o quando ele ia pôr na cabeça e atirando-o para dentro*) — Não vê que este é muito grande!? Pegue este outro. (*Agarra a caixa de um outro e quer ver se lhe serve, pondo-lho na cabeça.*)
- LEVA-REMOS (*pegando o chapéu e atirando-o à cara de Roscálio*) — Fique com ele, seu brejeiro!
- ROSC. Ah! não me quer; pois há-de despir a roupa que lhe dei, ou há-de ir nu, ou há-de ir de roupa velha! Que marreco! queria ir de roupa nova visitar. . . oh! (*Bate com a mão na cabeça.*) Era. . . (*muito admirado*) uma, mais uma, depois de tantas experiências, que ia fazer: vestir roupa nova para beijar mulher nova. Muito bem! muito bem, Sr. Doutor! muito bem! muito bem!
- LEVA-REMOS Nunca pensei que o Sr. fosse tão ordinário (*tira ligeiramente a calça, veste a com que andava e atira na cara a que tirou, faz o mesmo ao colete, veste o seu e dá-lhe com ele no nariz.*) Come-o, bandalho! (*Tira a sobrecasaca ou paletó e soca-o na boca do caixeiro e esfrega-lh'o nos ouvidos, nos olhos, dizendo:*) Ouve! Morde! Cheira!
(*Roscálio conserva-se humilde, espantado, sofre calado e resignado. Leva-Remos sai.*)
- ROSC. (*só e com as obras na mão*) — Meu Deus! onde tinha eu esta cabeça! Onde estava o meu pouco juízo — quando maltratei este homem!

Eu não o conheci. (*Batendo nas faces.*) Perdoai-me, meu Deus! perdoai-me! Ele me havia tratado sempre tão bem e eu fui tão cruel para com ele! Como eu sinto o efeito dos benefícios esparzidos por este Homem-Deus! Que alma grande! Como agora vejo que ele se espalha como o vento por toda a parte; como ele faz-se ouvir na Europa, na Ásia, na África e na Oceania! Já não falo na América, que tão perto fica. . . que é onde vivemos! mas nas mais longínquas partes dos dois hemisférios. Que Grandeza de Homem! É Onipotente (*cai de joelhos, com as mãos postas*). A ele imploro — perdão (*batendo nos peitos*) de minhas culpas; de meus pecados! A ele imploro que por mim interceda... se algum outro tem de punir-me, ou julgar-me! (*Cai de bruços, gritando:*) Ai!

LEV ARRIBA

(*dono da loja, para o caixeiro*) — Que é isto, rapaz, homem, criança? (*Ã parte*): Estará morto este diabo? (*Bate-lhe com um pé.*) Ó moleque! judeu! (*Á parte:*) Não fala! Isto está morto mesmo! É um monte de carne de boi que está aqui estendido. Ainda terei o trabalho de mandar pôr este maluco no cemitério!? Não! vou mandá-lo pôr na praia! (*Chega a uma porta e chama cangueiros*³) Ó rapazes! rapazes, venham cá.

CANGUEIROS¹

— Prontos, Senhor!

LEVARRIBA

— Vocês são capazes de botar na praia este boi morto?

CANG.

— Não Sr.! Deus nos livre!. . . ele é gente?

LEV'ARRIBA

— Qual gente?! Isto é um monte; é um monturo que está aqui (*dá-lhe pontapés e ele não se mexe*), vocês estão vendo? Está morto. Levem-o", levem-o. É pago bem o seu trabalho.

CANG.

(*saindo*) — Não Sr.! não Sr.! Nós não podemos não!

LEV'ARRIBA

— Ora, senhor (*ansiado*). Como me hei-de eu ver livre deste diabo!? Por mais que pense, que cogite, não sei. . . Ah! (*ouve-se o barulho de*

uma carroça) vou chamar: Ó carroceiro, vem cá!

- CARROCEIRO** - Não posso; estou com pressa.
- LEVARRIBA** (*virando-se para dentro, muito zangado*) — Não sei que hei-de fazer deste. . . ah! já sei! (*agarra-o por uma perna e puxando-o*). Pesa como todos os diabos! Mas há-de ir. Há-de sair. E fede. Morreu há uma hora, e já se o não pode aturar. Pois isto comia mais do que um boi roceiro. Amanhecia comendo, levantava-se comendo, trabalhava comendo, deitava-se comendo, dormia comendo! (*Torna a puxar e arrasta um bocadinho.*) Ah! ele sempre vai saindo, e há-de sair, quer queira, quer não, há-de ir.
- LEVA-REMOS** (*chegando*) — Oh! que vejo! Roscália morto! Estou estupefato!
- LEV'ARRIBA** - Pega desse lado, que eu pego deste. (*O caixeiro quer levantar-se, mas não pode.*) Agora quer levantar-se, que não, hei-de pô-lo na rua! (*O caixeiro grita que lhe acudam.*) Nada! nada! Há-de ir quer queira, quer não! (*Sempre com o amigo, fazendo o maior esforço para pô-lo fora da porta.*)
- LEVA-REMOS** - Pesa mais que trezentas arroubas! Tenho visto pegar em pipas incomparavelmente mais le-vianas".
- LEVARRIBA** - Coragem! esforço; e ele há-de sair
- ROSC.⁷** (*gritando*) — Ai! quem me acode? Quem me acode?
- LEVA-REMOS** - Não lhe valem agora os gritos! Há-de ir, há-de ir (*tanto puxam e arrastam que chegam a pô-lo fora*).
- LEV'ARRIBA** - Graças a Deus! estamos livres deste diabão! (*Cheira as mãos.*) Fum!... como fede! que porco! Ainda sujou-me nas mãos antes de sair! Safa — com tal porcalhão! Custou-nos (*para o amigo*); mas vencemos!

QUADRO TERCEIRO

Uma sala, algumas mulheres e alguns homens.

Cena Primeira

UMA DELAS

Tenho o prazer de apresentar-lhes o Sr. Quadrado, há pouco vindo da Europa. . . dos Estados Unidos, onde aprendeu a arte de tudo quebrar e nada endireitar! Quer fazer aqui algumas experiências. Quer divertir-nos por alguns minutos: será um pequeno espetáculo em uma das mais admiráveis artes.

QUADRADO

Pouco, minhas Sras., sei fazer; pouco estudei (*arrequeando as mangas*): ainda assim farei o que puder, e do melhor modo possível, para entretê-las. (*Dirigindo-se a um dos circunstantes.*) Faz-me o obséquio do seu relógio?

UM DOS
CIRCUNSTANTES

(*tirando-lhe da algibeira*) — Pois não! Ei-lo! (*Apresenta-o.*)

QUADRADO

(*tirando um martelinho da algibeira, bate no relógio e quebra-o, dizendo*) — Nunca fiz uma operação tão bem feita! (*Põe os cacos em cima de uma mesa. Dirige-se a uma Sra. e pede-lhe o leque com que se abanava. Seus pedidos são feitos com a maior urbanidade; tira do bolso outro instrumento e com ele põe o leque em um bolso, dizendo*): Pode-se com este jogar a carambola! (*Pede a outra um lenço; com uma tesourinha pica-o e põe em cima de outra mesa, dizendo*): Está ótimo o guisado! (*bem como o leque em cima de outra. Pega em uma manga de vidro, quebra e atira com os pedaços para cima da outra. Reina no salão o mais profundo silêncio. Apenas de vez em quando se ouve alguma voz de Sra.*):

Se ele não conserta, estamos bem servidas, principalmente a dona da casa, que fez-nos o honra de apresentá-lo.

Se não consertar — a desonra! Se deixar tudo quebrado, embrulhado, picado.. .

- QUADRADO** - Quebrei (*passeando*) relógios! Estraguei um leque; piquei um lenço; quebrei; pus em estilhaços uma manga de vidro! . . . e como agora há-de ser!? Nada (*em voz baixa*) posso consentar, porque nada aprendi. E agora, com que cara fico!? O que hei-de fazer! Enlouqueço. . . não!... pedir desculpas... não devo! Compor. . . não posso. Que hei-de eu fazer!? (*Divisam-se sorrisos em todos os semblantes.*) Já sei! (*com desdém*) tornar-me-ei estúrdio. . .
- UNS PARA OUTROS** — Querem ver que o Quadrado ainda é aquele gaiato! aquele brejeiro! aquele extravagante de outros tempos!?
- OUTROS** — Ele não faz senão passear. . . Parece que está a bordo de algum navio. . . Estamos perdidos!
- OUTROS** — Babou-nos!
- UMA MULHER** — O dono do relógio é que se há-de de ver em apuros!
- OUTRA** — Qual apuros. Ele que quebrou, é porque tem capacidade para compor. Esperem. . . está estudando a matéria; logo mais há-de pô-la em discussão!
- A DONA DO LENÇO** (*para uma amiga*) — Minha amiga, estou sem lenço! e que caro me custou! É do preço de 50\$ rs., comprado na loja do Leite.
- AMIGA** — Isso não é nada! E o meu leque esmaltado das mais finas pérolas, com botões de ouro e algumas estrelinhas de brilhantes! Isso é que é. Sabes quanto me custou? Se estou bem lembrada, é do preço... não direi, mas calcula pela qualidade o que devia valer!
- A DONA DA CASA** — Pois eu não faço caso das mangas que ele quebrou, conquanto também fossem de algum valor. Além disso estão muito apurados! (*Espiam, olham, riem-se.*) Se ele não endireitar **tudo**. . . nem eu! fiquem bem certas disso!
- UMA DELAS** — Isso sabemos nós; pela minha parte, perdô-lhe de bom grado qualquer prejuízo que me haja dado.

- OUTRA — E eu faço o mesmo.
- O DONO DO RELÓGIO (*muito desconsolado*) — E eu que hei-de fazer, senão também perdoar-lhe qualquer prejuízo que me dê? Agora está quebrado. . . que lhe hei-de fazer? Aproveitarei as peças e mandarei para o Rio compô-lo. Aqui os relojoeiros só têm o título de tais; mas em verdade, não passam de atamancadores; se (*mexendo-se na cadeira*) não se puder endireitar, também a perda é pequena; custou-me... receber das mãos do amigo, que me fez o obséquio de presentear-m'o! A corrente é que foi um pouco mais cara. . . entretanto, seja o que for; aconteça o que acontecer; calados devemos sofrer.
- UMA VOZ E ele não conserta cousa alguma: vocês hão-de ver!
- QUADRADO (*muito triste e pensativo*) — Que esperan os Srs. e as Sras!? Pode cada qual retirar-se para sua casa.
(*Há gargalhados gerais.*)
- UMAS VOZES Eu não dizia?
- OUTRAS É bem feito! Não o conheciam?
- ALGUMAS Pensávamos que ele já tivesse juízo! Pregounos a maior peça que se pede imaginar!
- ALGUMAS OUTRAS — Não era de esperar outra cousa. O diabo do homem ainda não mudou!
- OUTRAS — Vejam, vejam.
- QUADRADO — Qual mudou nem mudou. Não sabem que os vidros quebrados, só com a máquina e fogo se consertam? que a fazenda cortada, com agulha e linho se emenda!? que eu não tenho máquina, nem fogo, agulha, nem linha? que não sou relojoeiro? Hem? Hem?
- A DONA DO LEQUE — E o meu leque (*muito sentimentalmente*), Sr. Quadrado, hem? hem? (*Aproximando-se dele.*) Não diz nada? Não fala?! Deixa estar (*muito triste*) que o Sr. há-de pagar. Nunca mais hei-de olhar para a sua cara!

- QUADRADO** — Pois que querem que eu faça, meninas?! (*Põe-se a chorar e a pedir outro lenço para enxugar as lágrimas.*) Que hei-de eu fazer para não ser odiado deste anjinho?
- UMA DELAS** — Sim; pois ainda quer outro!?! É bem tolo.
- QUADRADO** — Meu Deus dos céus! estou perdido! (*pondo as mãos na cabeça*) perdido! perdidíssimo. Minha querida! minha queridinha! me ame! me minta ao menos para consolar-me! Diga que me perdoa, sim! sim — seja religiosa — por obra de misericórdia. . . sim, minha queridinha (*aproximando dela*), a Sra é tão bonitinha. . . (*pondo-lhe a mão no rosto*) perdoa-me, sim? perdoa-me, diga-me — que sim; senão eu morro de paixão Ai! (*curvando-se*) que dor de cabeça eu sinto! Me acudam! (*Com uma mão na cabeça e outra no peito, corre pela casa toda, gritando*): me acudam, senão eu morro! me acudam!
- (*Todas levantam-se, querem agarrá-lo, não podem.*)
- UMA PREJUDICADA** (*para as outras*) — Ele está doido! Qual doente, está fazendo estas partes para inspirar compaixão. . . Vamos dar-lhe algum remédio! Vamos! Vamos!
- OUTRA** Mas ele não deixa pessoa alguma chegar perto dele! E que se lhe há-de fazer!?
- ALGUMAS** O que lhe faz bem, Sr. Quadrado, quando o Sr. está atacado deste mal, a que estas Sras. chamam padecimento ou sofrimento em suas faculdades mentais!?
- QUADRADO** Uma ajuda com pimenta! Uma ajuda com pimenta, sal ou pimentão. Um crister ou cristel em seringa ou cheringa de repuxos de pimenta! de pimenta! sim! sim! (*Até que cai.*)
(*Todos o cercam, buscam remédios, fazem-lhe fricções, lamentam seus sofrimentos, etc.*)
- UM DOS CIRCUNSTANTES** (*para a platéia*) — Aproveitamos a lição para não confiarmo-nos — de quem não conhecemos, nem cremos em impossíveis!

QUADRO QUARTO

Cena Primeira

(Entram quatro Sras., um homem as recebe muito carinhosamente e as faz sentar.)

- UMA DELAS Mora, meu Sr., nesta casa, o Sr. . .
- O HOMEM Fernandinho de Noronha; não, minha Sra.?
- ELA Creio que sim; casado com a Exma. Sra. D. Pulquéria de. . .
- O HOMEM Sim, minha Sra.; V. Sa. não se engana; é aqui mesmo. Deseja falar-lhe?
- ELA Sim Sr.; é minha amiga de infância, a quem muito amo e estimo.
- O HOMEM Vossa... é a Sra. D. Rumânica?
- ELA A mais humilde de suas criadas!
- O HOMEM Queira demorar-se alguns instantes; entreter-se com o que há em cima desta mesa, se lhe aprouver, enquanto eu vou chamá-la.
(O cenário deve ter sala em que fica D. Rumânica e quarto em que está D. Pulquéria.)
- O HOMEM *(entra no quarto e encontra a mulher deitada; para esta:)* — Pulquéria! *(pondo-he a mão na cabeça, no ombro, corpo, etc.)* Pulquéria! estás dormindo? não ouves? Levanta-te! Está aí uma visita que te quer falar! é D. Rumânica — a tua amiga de infância. Anda!
(Pulquéria não fala.)
- O HOMEM *(marido)* — Ah! tu não ouves! não respondes! estás dormindo! Pois bem, vou pregar-te uma peça que te há-de escarmentar *(À parte.)* Vou pôr-me a gritar, e ela há-de se levantar.
- MARIDO *(com as mãos na cabeça)* — Pulquéria! Pulquéria! roubaram a nossa querida filha! Levanta-te! corre! procura-a! *(A mulher salta em fraldas de camisa, cheia de espanto, procurando com a vista por todos os lados do quarto.)*

Livros Grátis

(<http://www.livrosgratis.com.br>)

Milhares de Livros para Download:

[Baixar livros de Administração](#)

[Baixar livros de Agronomia](#)

[Baixar livros de Arquitetura](#)

[Baixar livros de Artes](#)

[Baixar livros de Astronomia](#)

[Baixar livros de Biologia Geral](#)

[Baixar livros de Ciência da Computação](#)

[Baixar livros de Ciência da Informação](#)

[Baixar livros de Ciência Política](#)

[Baixar livros de Ciências da Saúde](#)

[Baixar livros de Comunicação](#)

[Baixar livros do Conselho Nacional de Educação - CNE](#)

[Baixar livros de Defesa civil](#)

[Baixar livros de Direito](#)

[Baixar livros de Direitos humanos](#)

[Baixar livros de Economia](#)

[Baixar livros de Economia Doméstica](#)

[Baixar livros de Educação](#)

[Baixar livros de Educação - Trânsito](#)

[Baixar livros de Educação Física](#)

[Baixar livros de Engenharia Aeroespacial](#)

[Baixar livros de Farmácia](#)

[Baixar livros de Filosofia](#)

[Baixar livros de Física](#)

[Baixar livros de Geociências](#)

[Baixar livros de Geografia](#)

[Baixar livros de História](#)

[Baixar livros de Línguas](#)

[Baixar livros de Literatura](#)
[Baixar livros de Literatura de Cordel](#)
[Baixar livros de Literatura Infantil](#)
[Baixar livros de Matemática](#)
[Baixar livros de Medicina](#)
[Baixar livros de Medicina Veterinária](#)
[Baixar livros de Meio Ambiente](#)
[Baixar livros de Meteorologia](#)
[Baixar Monografias e TCC](#)
[Baixar livros Multidisciplinar](#)
[Baixar livros de Música](#)
[Baixar livros de Psicologia](#)
[Baixar livros de Química](#)
[Baixar livros de Saúde Coletiva](#)
[Baixar livros de Serviço Social](#)
[Baixar livros de Sociologia](#)
[Baixar livros de Teologia](#)
[Baixar livros de Trabalho](#)
[Baixar livros de Turismo](#)